

## A inteligência resolve, o sectarismo e a ignorância complicam e agravam

Há dias, uma comissão dos operários manipuladores de pão procurou o actual governador civil a fim de com ele tratar de determinado assunto. Durante a conferência, como os comissionados lhe fizessem sentir a conveniência de se respeitar as oito horas de trabalho, aquela autoridade apressou-se logo a dizer, num tom um pouco irritado, que era «preciso trabalhar muito».

Não sabemos nós se o sr. governador civil queria dizer, com a sua resposta brusca, que seria necessário dar trabalho aos milhares de braços inactivos que o reclamam, nesta hora de crise (trabalhar muito), se desejava ver os que ainda têm onde empregar a sua actividade mais sobrecarregados de labor (trabalhar muito). Ou dando que fazer a quem o pede, ou obrigando a maiores fadigas os que trabalham — sempre seria «trabalhar muito». Simplesmente, o proveito não seria o mesmo — e o critério de justiça variaria. Dando trabalho a quem não o tem cumpria-se o tom imperativo da frase do sr. governador civil de uma maneira justa. Forçando os que já trabalham a trabalhar mais, não só não se obteriam maiores rendimentos, como iniquamente se forçariam criaturas que cumprem o seu dever a atentar contra os seus direitos, contra os direitos dos que pedem trabalho e não o têm, e contra a própria saúde.

Ora, parece-nos — e se assim é lamentamo-lo — que o actual governador civil vê estas questões sociais e de trabalho pelo prisma estreito que é o germe de todas as revoltas e a fonte das maiores injustiças.

Se os homens da actual situação veem, como os do partido democrático, animados de ideias estreitas que não lhes permitam ver com largueza que existe uma questão social em todo o mundo que é preciso resolver melhor com a inteligência do que com a violência, auguramos mal o futuro desta situação. Se é, encerrados no seu critério de casta dominante, que os actuais governantes querem resolver as questões morais e materiais pendentes, não contem com a mais leve simpatia da classe operária.

Ha questões materiais, como a crise de trabalho, tão complexas e delicadas que para solucioná-las de maneira satisfatória seria mister muito boa vontade, boa fé, competência e inteligência. «E' necessário trabalhar! O país precisa de produção! Os operários têm de trabalhar mais horas!» — são frases que soam bem nas tribunas, mas que nada resolvem, antes tudo embrulham e atrapalham. A crise de trabalho não se modifica num ápice após os discursos deste género.

Ha questões morais, como a dos deportados, por exemplo, que mais se agravam com o palavreado sonoro dos conservadores e dos democráticos que, por muito alto que soe, não as coloca no campo da justiça.

A questão dos deportados só pode encaminhar-se para uma solução digna, desde que seja dada ordem do seu imediato regresso à metrópole, desde que para eles não se abram revoltantes excepções de tirania, desde que não se olvide que eles possuem direitos, como homens e como cidadãos a respeitar.

Não sabemos, por enquanto, de que maneira pensa o actual governo acerca destes problemas que são fundamentais para o prestigio da ideia de justiça e para o progresso material deste povo que precisa realmente de trabalhar, mas humanamente, mas de forma que esse trabalho seja distribuído equitativamente por todos e que todos dele aproveitem.

Vai a Confederação Geral do Trabalho apresentar algumas reclamações. Pô-las-las com largueza de vistas, com correcção perante o governo. Depois saberemos, conforme elas forem acolhidas, de que massa são feitos os novos governantes. Porque as palavras e as promessas arremessadas no calor da vitória são quasi sempre vãs e leva-as o vento...

### A CRISE NO ALGARVE

## Os prestamistas de Olhão, escudados numa criminosa impunidade, estão realizando uma grande agiotagem sobre os miseráveis

Do nosso enviado especial ao Algarve

OLHÃO.—Focados que foram alguns aspectos da fome em Olhão reservámos para esta crónica a nossa análise à forma como é exercida a agiotagem nesta vila mártir, onde a alegria e a felicidade foram proscritas há um ano.

Em Olhão, como já foi dito, quando a população começou a ser vergastada pela fome lançou-se mão de um recurso para se fugir aos seus duros golpes: o prestamista.

Empenhar alguma peça de ouro foi a solução achada no primeiro momento. E para a Casa de Penhores convergiu aquela legião batida pelo vendaval do infortúnio.

O prestamista, alçó até à medula, estregou as mãos de contenta. Chegara a idade do ouro para ele. Surgiu quasi inopinadamente a era de felicidade. E estabeleceu imediatamente um juro de 30, 40, 50 e 60 por cento. Os espoliados ainda esboçavam um movimento de protesto, mas o prestamista, duro como a fome, julgou esse movimento.

Os haveres em ouro desses desgraçados num curto lapso de tempo passaram de facto e de direito para a posse do penhorista.

Esbullados desses haveres as vítimas da crise de trabalho e da criminosa usura dos prestamistas, passaram a entregar a estes os seus haveres-roupas.

A agiotagem atinge aqui a sua expressão máxima.

Para o ouro os prestamistas contentavam-se com 60 % de juro.

Para as roupas o prémio do juro era muito mais elevado, atingindo uma percentagem inacreditável.

Além disso se num curto espaço de tempo o objecto não fosse desempenhado o seu possuidor perdia-lhe imediatamente o direito.

Da agiotagem aqui exercida contam-se os mais revoltantes episódios. Diz-se da acção dos penhoristas coisas assombrosas que ruborizariam qualquer vulgar gatuno.

Aí vai para amostrar um caso bem significativo da obra desses miseráveis.

Um desses desgraçados acossados pela fome recorreu ao penhorista para lhe empenhar sobre o penhor de uma capa alentejana determinada importância. O penhorista examinou devidamente a peça, franziu o sobrelho, e depois exclamou:

— Vale apenas 20 escudos!

A necessidade do impetrante era tal que teve que se conformar com a oferta.

— Que sim, que estava bem — retorquiu o dono da capa alentejana.

Entregue daquela importância saiu e correu célere para os seus afazeres.

Porém nesse dia a sorte tocou-lhe pela porta e duas horas depois o dono da capa alentejana estava em condições de a desempenhar.

Nesse sentido dirigiu-se ao prestamista com a importância necessária para desempenhar o seu objecto.

Quere o leitor saber o que lhe respondeu o prestamista? Apenas isto:

— Tem que pagar vinte escudos de juro!!

O roubado protestou. Podia lá ser? Uma peça de roupa pagar em duas horas 20\$00 de juro quando em igual importância ela estava penhorada?

De nada lhe valeram os protestos. O prestamista, inexorável como sempre, não cejava. E o desgraçado pagou os 20\$00, ou seja 10\$00 por cada hora.

Agora vejamos quanto ganharia um bandido destes, tomando por base o juro a 10\$00 a hora.

Ganharia em 24 horas, 240\$00; em 30 dias, 7.200\$00; e em 365 dias a bagatela de 86.400\$00!!

Leitor: muito à puridade, sem o sr. Ferreira do Amaral nos ouvir: o que precisava um miserável destes que exige em 24 horas um juro de 240\$00 sobre um empréstimo de 20\$00? Temos a certeza que o próprio comandante da polícia sabe o que ele precisava...

Esta desenfreada roubaria é conhecida em toda a vila. A cada prestamista que se lhe der para a população responde:

— Lá vai um Cirineu!!

Há apenas aqui uma injustiça que convém referir. Cirineu foi sempre mais leal e mais humano do que os penhoristas de Olhão.

Cirineu roubava apenas a quem tinha. Os prestamistas de Olhão roubam apenas aos desgraçados que nada possuem, roubam apenas os tristes farrapos das vítimas da crise de trabalho.

Um dos motivos que permite aos penhoristas accionarem livre e impunemente consiste no facto dos empréstimos sobre penhores serem feitos verbalmente.

Em Olhão, ao contrário do que sucede em Lisboa, o penhorista não passa a clássica cautela de penhores ou qualquer documento que justifique a importância emprestada e o juro estabelecido.

O desgraçado chega à Casa de Penhores empenha o seu objecto e retira-se. Apenas numa etiqueta que é colada na peça empenhada fica o nome do seu dono, único sinal porque é conhecido o haver.

Numa das reclamações apresentadas aos poderes constituídos do povo de Olhão, para fugir à roubaria dos agiotas penhoristas, advoga a criação de uma Caixa Geral dos Depósitos nesta vila, a qual regularia de uma forma mais equitativa o prémio do juro sobre penhores.

Esta ou outra qualquer medida tem de ser adotada. A população não pôde estar à mercê destes João Brandão que a roubam descaradamente e lhes insultam a sua miséria!

## O PROLETARIADO PERANTE OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

### O comício de ontem assistido de muitos milhares de pessoas foi uma esplêndida afirmação da consciência operária

Muitos milhares de pessoas, na sua grande maioria da classe operária, acorrem ontem ao comício promovido pelo «Comité de Defesa Proletária». A concorrência, pode dizer-se, sem exagero, que foi extraordinária e ela provou bem que o povo de Lisboa nutre um amor intenso pela liberdade e dela não está disposto, ainda com risco da vida, a abdicar. O Par-

política, civil ou militar, com que se apresentem.

Virgílio de Sousa fez um caloroso apelo aos soldados presentes a fim de que estes, sempre que pretendam arrastá-los para uma tentativa de implantação da monarquia ou de ditadura, se lembrem de que sob a sua farda deve pulsar o coração dum trabalhador, dum filho do povo.

Aleixo de Oliveira, em nome da Câmara Sindical do Trabalho, fez um caloroso apelo ao proletariado para que este se preparasse para resistir a qualquer ameaça ditatorial.

Por último falou José Tavares dos Santos, em nome do «Comité de Defesa Proletária», e após várias considerações sobre o

tugues, representa de facto a reacção mais feroz agitada pelas oligarquias da alta finança, da indústria, do comércio e da agricultura, das chamadas forças vivas, que mais que quaisquer outros elementos burgueses têm sugado criminosamente a população do país;

Considerando que se procura esmagar politicamente os trabalhadores para lhes impor mais duras condições de trabalho e de vida, por meio da baixa de salários, do aumento das horas de trabalho e da perda de outras conquistas operárias, ameaças constantes dos exploradores do povo, que apoiam e incitam a fúria dos triunfadores de agora contra as suas vítimas;

Os trabalhadores de todas as tendências sociais, formando a frente única proletária, reunidos em comício público nesta hora grave em que a reacção monárquica se prepara para estrangular com a república as escassas liberdades que nos restam, recordam os que perderam a sua vida e vertem o seu sangue, pela conquista de melhores dias para o povo, em 5 de Outubro, em Monsanto e no Norte contra a Traulândia, e resolvem:

Protestar contra a obra ruínosa e tirânica que todos os partidos burgueses, compostos por civis e por militares, têm vindo realizando, sacrificando os que trabalham a favor das camarilhas políticas e dos ricos potentados.

Protestar com todo o desassombro contra um maior agravamento de tirania política e económica, que ameaçadamente pesa sobre o proletariado, a única classe que não tem responsabilidade na ruína do país, a única que tem toda a autoridade para bradar aos ladrões e tiranos do povo: Basta!

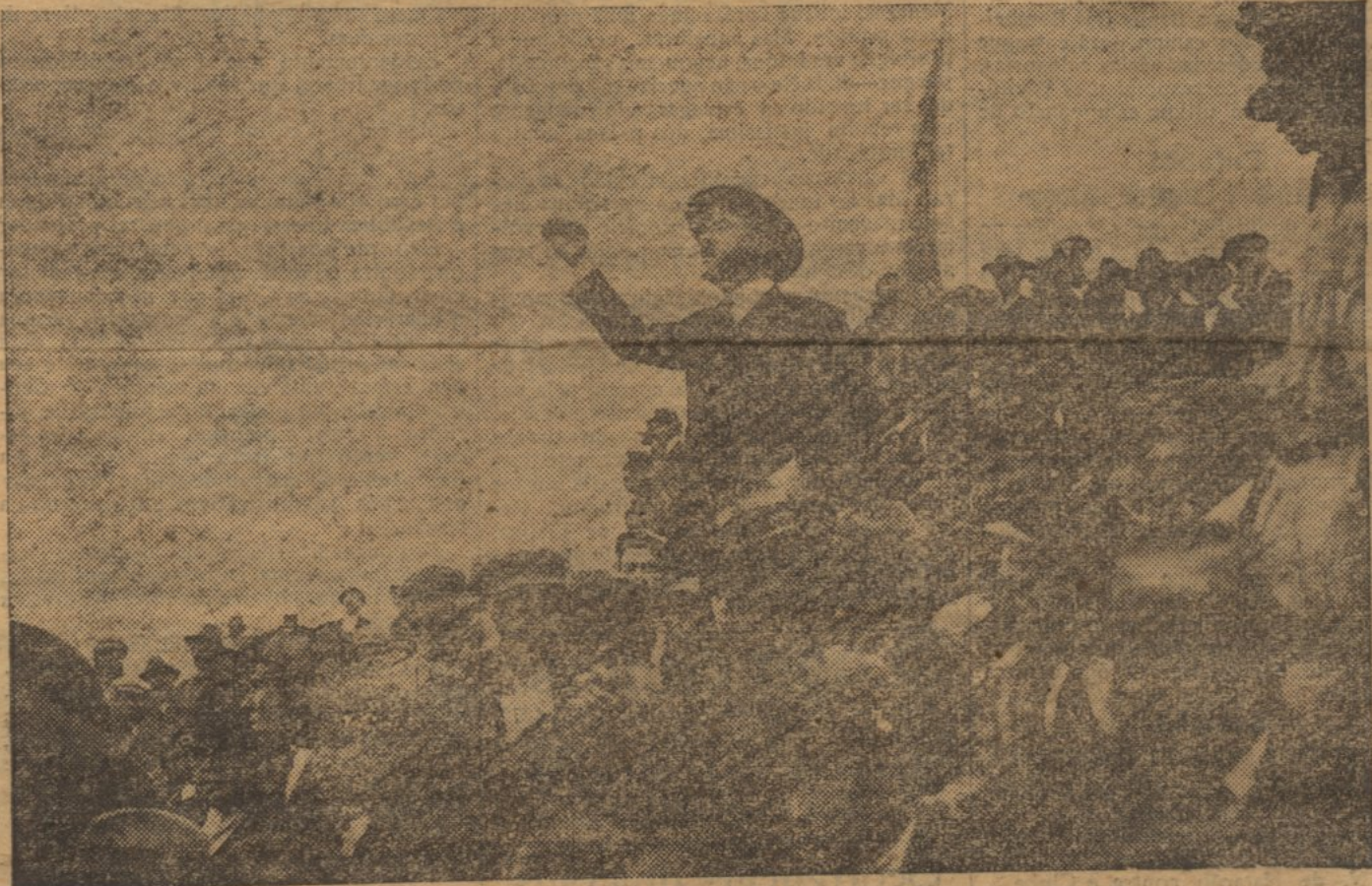
Abatxo a reacção militarista!  
Viva a unidade operária.

Na mesa foram lidos officios de adesão ao comício do Sindicato Único Metalúrgico, da Federação das Juventudes Sindicistas e do seu Núcleo em Lisboa e do Partido Comunista.

Foi lida também uma carta dos presos do Forte de Monsanto protestando contra a proibição de visita diária das pessoas de família aos presos sociais e afirmando a sua solidariedade com as resoluções que sejam tomadas no comício.

Junto ao local do comício havia, flutuando, uma bandeira do Sindicato Único da Construção Civil.

A autoridade encontrava-se representada por um comissário de polícia. Apesar da presença da polícia e da G. N. R. o co-



O delegado da C. G. T. discursando

que Eduardo VII oferecia um aspecto impressionante. Nota curiosa e significativa: entre a assistência encontravam-se mais de duas centenas de soldados. Cerca das 18 horas abriu o comício, sob a presidência de Alberto Monteiro, secretário do António Pinto dos Santos e José dos Santos Cadete, todos do Comité de Defesa Proletária.

O presidente expôs em rápidas palavras o objectivo do comício, fazendo notar a circunstância dos poderes republicanos terem sido hostis às classes trabalhadoras. Atacou as ditaduras, afirmando serem elas contrárias ao espírito do povo português.

Manuel Joaquim de Sousa, da C. G. T., criticou largamente a obra realizada pelos governos anteriores ao movimento revolucionário, demonstrando que ela cifrou-se em obstinadas perseguições às classes trabalhadoras e constituiu uma larga série de escândalos e de esbanjamentos que preparou o ambiente que derribou António Maria da Silva. Analisando o actual governo manifesta o seu receio de que este enverede pelo caminho de arbitrio e de violências que conduziu a uma ditadura férrea.

O sindicalismo orgânico que ultimamente se proclamou é inaceitável, por constituir uma afronta às classes trabalhadoras, visto ser ele um instrumento propício ao jugulamento dos explorados pelos seus exploradores e pelo governo que os representa. Recordou a tentativa feita pela situação de Sidónio Pais com a constituição do Senado com a representação por classes, salientando que só classes eminentemente conservadoras e vivendo do Estado, como a do funcionalismo público, se prestaram a essa comédia perniciosas. Defende, a seguir, o sindicalismo revolucionário.

O orador que, a certa altura, quando analisava o actual governo, dissera que ele não era um governo de competências como se pretendia fazer acreditar, atacou largamente a personalidade jurídica da Igreja que ele pretende reconhecer fazendo sentir os graves inconvenientes e os perigos que dela podem resultar.

Protestou também contra a proibição da visita aos presos sociais de pessoas de suas famílias, proibição esta que o mais reaccionário dos governos até à data não tinha ousado pôr em prática.

Emídio Santana, em nome da Federação das Juventudes Sindicistas, definiu a posição do organismo que representava, inimigo acérrimo de todas as violências e de todas as ditaduras, seja qual for a etiqueta

Fala a seguir o dr. Sobral de Campos, em nome do partido comunista, que atacou largamente a ditadura e recordou o desembrismo, fazendo salientar que foi o povo quem, nessa altura, salvou a república, escalcando Monsanto.

O dr. Mário Monteiro, como advogado dos presos, comunicou que fora procurar o ministro da justiça para tratar da proibição da visita das pessoas de família aos presos

actual momento apresentou a seguinte moção que foi aprovada:

«Considerando que o movimento insurreccional que triunfou há dias no nosso país, não reveste simplesmente o carácter de luta contra a acção nefasta dos partidos políticos burgueses;

Considerando que o espírito que anima uma grande parte, senão a maior parte dos



Um aspecto da multidão

sociais e da questão dos presos e dos deportados sem culpa formada. Como não conseguisse naquela ocasião falar com o referido ministro, dirigiu-se ao general Gomes da Costa e a Mendes Cabeçadas que lhes declararam que justiça seria feita.

que intervieram nesse movimento é um espírito retrógrado, acentuadamente reaccionário, visando a destruição de todas as liberdades tão penosamente adquiridas;

Considerando que a reacção militarista que vai desencadear-se sobre o povo por-

mício decorreu e terminou em completo sossego.

Durante o dia de ontem foi distribuído de automóvel, por todos os pontos da cidade, um manifesto convidando o proletariado a comparecer no comício.

### OS QUE MORREM

## António Pires de Matos

O funeral de António Pires de Matos, realizou-se ontem, pelas 16 horas, conforme anunciámos, da rua das Amoreiras para o cemitério do Alto de S. João. Inúmeras pessoas das relações do extinto, nosso estimado camarada da redacção, o acompanharam à última morada.

O funeral foi feito a expensas da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa. Incorporaram-se no préstito fúnebre, além de pessoas de família e de inúmeros camaradas de trabalho do fúnebre, representantes do Sindicato dos Profissionais de Imprensa e sua Caixa de Previdência. Muitos operários se viam também no numeroso acompanhamento.

A cerimónia decorreu com muita simplicidade, tendo sido feitos no cemitério vários turnos.

O nosso extinto camarada de redacção deixou vivas saudades em todos quantos o conheceram e apreciaram as suas belas qualidades de inteligência e de carácter.

Enviaram cartões pelo passamento de nosso camarada de trabalho:

Alfredo Ribeiro de Castro Guimarães

### Deixe-se estar...

PARIS, 9. — O *Petit Parisien* diz que o sr. Raoul Peret, ministro das Finanças, desmentiu os boatos correntes sobre a sua demissão. — (H).

### É absolvido... um condenado

PARIS, 9. — O Tribunal Correccional absolveu o pintor suíço Hans Bosnard, que havia sido condenado em 1923 a deportação, na questão Ernest Judet, antigo director do *Éclair*.

### Perseguições a deportados italianos

ROMA, 9. — Pelo procurador geral da justiça foi pedido ao parlamento que sejam levantadas as imunidades ao deputado Zaniboni e a outros parlamentares acusados de conspirarem contra a segurança do estado e de implicados no atentado contra a vida de Mussolini. — (L).

### A política francesa

PARIS, 9. — Os jornais falam na possibilidade duma renúncia do actual gabinete do sr. Briand, ao qual se sucederia um ministério de concentração nacional. — (L).

## NOTAS & COMENTARIOS

### Uma medida absurda

Por sugestão do Conselho Penal e Prisional, o ministro da Justiça determinou que os presos das cadeias civis recebam as visitas só uma vez por semana, numa sala escolhida para esse fim, e não dentro das prisões como era costume até aqui. Esludados dum velho direito, os presos do Limoeiro protestaram ontem contra a medida do ministro da Justiça. O director das cadeias, dr. sr. Pestana Júnior, reconhecendo a justiça dos protestantes resolveu que os presos continuem recebendo todos os dias as pessoas de família e semanalmente os amigos e conhecidos, até se instalar no edificio do Limoeiro um palatário.

### Sintomático

Como noutra lugar noticiamos, tomaram ontem posse o novo administrador geral dos Caminhos de Ferro do Estado e os novos director e sub-director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. A posse, contra a expectativa geral, foi dada pelo sr. Raúl Esteves, director da Direcção Geral de Transportes. Não compreendemos esta invasão de atribuições. Os serviços ferroviários do Estado estão dependentes do ministério do Comércio. Logo o ministério da Guerra nada tem com aqueles serviços. A não ser que, por obra e graça do general Gomes da Costa, os Caminhos de Ferro do Estado estejam militarizados sem nós nem o público termos dado por tal. Será por isso que o edificio da Direcção do Sul e Sueste continua ocupado militarmente?

### Os deputados franceses irão para a greve?

PARIS, 9. — No decurso da sessão de ontem voltou à discussão o aumento do subsídio parlamentar, cujo adiamento a Câmara regeitou por 247 contra 243 votos, em consequência do projecto comportar um aumento bastante sensível, visto o subsídio ser aumentado de 27.000 para 42.000 francos. A Câmara começou, pois, a discussão do aumento do subsídio parlamentar, e o projecto foi rejeitado na generalidade por 150 contra 128 votos. Considera-se, geralmente, que o momento não é oportuno para este aumento. — (H).

Mamuel Alves Nogueira, Alberto de Assunção Alves, Ivo de Monforte, José Raviço Pais, Manuel da Conceição, António Correia, A. Figueira, João da Silva Salgado, António Filipe da Silva, Abílio Alves Nogueira, António Costa Júnior, Edmundo Tavares, Eduardo Jorge, Arnaldo Cristó, António Santos, Augusto Sousa, Joaquim Madeira, Gastão Martinho, Manuel Maria de Sousa, Saraiva de Aguiar Lopes, D. Maria Bárbara Ferreira de Matos, D. Guilhermina Pereira, D. Carolina de Oliveira, D. Mary Wanhion Araújo, D. Hermínia dos Santos, D. Maria de Freitas, D. Rosa Marques Pereira, D. Maria da Conceição, D. Laura Canha.

Fizeram-se representar no funeral:

Sociedade Esperantista «Nova Voz», a comissão central do Sanatório dos Empregados no Comércio, a União Anarquista, a Caixa de Previdência e o Sindicato dos Profissionais de Imprensa de Lisboa, o pessoal da Batalha, o Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, e pessoal da Fábrica de Cerveja da Trindade, por seis empregados.

## Banhos às crianças

Do próximo dia 14 até 28 contam banhos na colónia balnear da Cruz Quebrada o 1.º turno de crianças que, como dissemos, serão acompanhadas por professores, e além de fatos receberão uma refeição todos os dias e aos domingos dadas. O transporte da pelada é feito em carros eléctricos fornecidos pela Câmara. Para conhecimento dos interessados devemos avisar que os locais onde as crianças das escolas adiante indicadas devem, às 8,30 horas, aguardar os eléctricos: Escola 71 e a do Centro Magalhães de Lima, nos Caminhos de Ferro, escola 51 e Centro Escolar Dr. Alexandre Braga, na Ribeira Velha; números 36, 84, 5 e a Secção de Palma em São Sebastião da Pedreira; escolas 22, 2 e 18, no Conde Barão; escola 13, Pinto de Almeida e Associação Escolar de Ensino Liberal nas Amoreiras e Centro Beto Machado e escolas da Voz do Operário, 58, 25, 26 e 34, em Alcântara.

## Grandes inundações

BUCAREST, 9.—Continuam as inundações tendo ficado destruída uma ponte e algumas centenas de metros de via férrea, registando-se também algumas vítimas. (L.)

## Rendimentos dos operários

Na calçada da Boa Hora, 96, a Belém, existe uma fábrica de trapos pertencente a Francisco Roque da Costa Junior, na qual se empregam vários operários, entre eles, Ernesto Ferreira, de 16 anos, filho de Carlos Augusto Ferreira, e de Delina Ferreira, natural de Lisboa e residente na rua do Quelhas, 34, cave, o qual é encarregado de trabalhar com uma máquina que ali existe. Ontem, de manhã, encontrava-se o Ernesto a olhar a referida máquina quando, subitamente, foi envolvido e arrastado pelo respectivo veio que o obrigou a encostar o corpo a um cano com água fervente, resultando o pobre operário ficar muito queimado e com ambas as pernas fraturadas, sendo uma das fraturas com complicações de ferida. Reclamados os socorros para a Cruz Vermelha, foi o ferido transportado ao Hospital de S. José, em cujo Banco foi operado pelos Drs. Alberto Mac Bride, Renato d'Araújo e Quintela, recolhendo em seguida à sala de Observações, sendo grave o seu estado.

## Chegou o régulo

Chegou ontem a Lisboa a bordo do vapor «São Miguel», o alto comissário de Moçambique, que pedira da Madeira telegraficamente ao governo a sua exoneração.

## As eleições municipais vão ser sustadas

A secretaria do Interior expediu uma circular aos governadores civis, determinando o adiamento, até ulterior resolução, de todas as eleições municipais, que já estavam ordenadas.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada *Pigmalion*, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

## Um protesto contra o ensino religioso nas escolas

A «Liga de Acção Educativa», secção de Lisboa, tendo tido conhecimento de que se pretende instituir o ensino religioso nas escolas, resolveu levantar o seu protesto contra esse facto, levando o seu protesto junto da comissão executiva para que, apoiando-o, lhe dê seguimento junto dos poderes públicos.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Guiné» são hoje expedidas as malas postais para Cabo Verde, Bissau, Bolama e São Tomé. Da estação central dos correios a última tiragem de correspondências ordinárias efectua-se às 13 horas e para a registada recebem-se até às 11 horas.

## Ecos da greve ferroviária de Lourenço Marques

Ontem à noite, recebemos o seguinte telegrama: LOURENÇO MARQUES, 9. — Na primeira reunião dos ferroviários realizada depois da terminação da greve foi aprovada uma salvação à Batalha pela brilhante defesa da nossa causa, pedindo ao mesmo tempo que o órgão operário continue pugnando pelas nossas pretensões que são a reintegração de todo o pessoal demitido e a reinstalação dos casos de imprensa. — A Associação.

**TEATRO AVENIDA** Telef. N. 4355  
11035-115 21,39  
ÚLTIMAS representações do  
**PÃO DE LÓ**  
Sexta-feira, 11 — Época do Verão  
COMPANHIA SANTIAGA-AMARANTE  
**O Dr. da Mula Ruça**  
«Vaudeville de E. Rodrigues, F. Fernandes e João Barros, música de Venceslau Pinto»

# DESPORTOS

## Sempre se realizam hoje, no Campo Grande, os jogos Bemfica-Carcavelinhos e Sporting-Vitória

Noticiáramos ontem que houvera ficado adiado para domingo, 20, o festival desportivo a favor da Assistência Infantil da Câmara Municipal de Lisboa, primitivamente anunciado para hoje. Na verdade assim era. A resolução fôra tomada e um categorizado e bem conhecido elemento do Conselho Técnico da A. F. de Lisboa fez-nos essa comunicação. Mais tarde, porém, houve reconsideração e novamente voltaram à primeira forma, confirmando a realização dos jogos para hoje, simplesmente não chegou até nós o conhecimento da reconsideração e daí a notícia, que não inventámos, dando-a como definitiva determinação dum organismo, que consideramos menos volúvel nas suas resoluções.

O programa consta da realização dos encontros das primeiras categorias Bemfica-Carcavelinhos e Sporting-Vitória, devendo começar às 16 horas. A Câmara Municipal oferecerá aos quatro grupos, artistas galhardetes com as cores da cidade e a legenda recordativa do festival, cuja receita reverte a favor da Assistência Infantil, que como é do domínio público algo de muito tem feito nos últimos tempos em favor das crianças pobres.

Abre-lha a festa a Banda dos Bombeiros Municipais. No campo, será entregue aos clubes campeões das várias categorias, as taças e prémios correspondentes às vitórias alcançadas no último campeonato de Lisboa.

### Futebol

O «match» de futebol que se realiza no domingo, no «Stadium» do Lumiar, será uma vigorosa demonstração de alguns dos melhores internacionais de Lisboa e de Madrid. Os nomes dos jogadores indicados garantem-nos um encontro cheio de peripécias e de energia, podendo dizer-se que esse «match» ficará assinalado nos annos do desporto. Para a grande aficção não se lhe podia oferecer espectáculo mais emocionante nem melhor preparado, tanto mais que este anno não se realizou nesta capital nenhum combate de futebol que puzesse na concorrência seleções de jogadores dos dois países da península.

A Taça da Imprensa que será disputada neste encontro, vai ser posta em exposição nas montras da ourivesaria Leitão & Irmão. É um soberbo objecto d'arte que honra os operários de ourivesaria. O jogo começa às 17 horas.

### Natação

Prosegue hoje o campeonato de Water-polo. Para hoje e na doca de Belém estão marcados os seguintes encontros:

1.ª categoria: — Internacional contra Sporting C. de Portugal, às 17,30 horas; Clube N. de Natação contra o Clube S. de Pedrouços, às 18,30 horas. Cronometrista, Aníbal F. da Silva.

2.ª categoria: — Sporting C. de Oeiras contra Ginásio C. do Sul, às 12,30 h., Sport L. e Bemfica contra Club S. de Pedrouços, às 14,45. Cronometrista, Afonso Cortês. Internacional contra Imperio, às 15,30. Nacional de Natação contra Carcavelinhos, às 16,15 horas. C. António Trovão, 3.ª categoria: — Internacional contra Oeiras, às 11 horas; Imperio contra Pedrouços, às 11,30 horas. C. Santos Rodrigues. Carcavelinhos contra Sporting, às 12 horas; Vendedores de jornais contra Belenenses, às 14 horas. C. Humberto Gonçalves.

— Em Setúbal, na doca de Delpent. 1.ª categoria: Vitória contra Algés e Dafundo às 17 horas. Cronometrista, Augusto Tormenta.

## Os que pedem exoneração

Enviaram telegramas pedindo a exoneração de governadores de Timor e de Cabo Verde, respectivamente os srs. coronel Raimundo Vieira e dr. Júlio de Abreu. O sr. Mariano Martins, governador geral da Índia, enviou um novo telegrama insistindo pela sua exoneração.

Ao seu indigitado substituto, capitão-tenente sr. Armando Ochôa, foram «das» todas as facilidades no ministério das Colónias, para proceder aos seus estudos sobre todos os assuntos relativos à colónia. O 1.º tenente sr. Soares Branco também vai requerer a exoneração de governador de S. Tomé.

O governador da Guiné, sr. tenente-coronel Velez Carozo, despediu-se ontem do sr. Presidente do Ministério, ministro das Colónias e das autoridades superiores do ministério, visto partir hoje para a Guiné, a fim de reassumir as funções do seu cargo.

**DENTES ARTIFICIAIS** a 2500. Extracção e colocação de dentes sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

**MARIO MACHADO**  
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

## Para satisfazer a reacção...

Pelo ministério da Justiça foi feita a cédula, para o exercício do culto público católico, à Nova Irmandade de São Marcos, freguesia de Calhariz, Vila Franca de Xira, o edifício da igreja paroquial da mesma freguesia; e à confraria do Santíssimo Sacramento de Barqueiros, concelho de Barcelos, do edifício do Santuário de Nossa Senhora das Necessidades e capelas contíguas sob a invocação de Senhor dos Perdidos e Senhor dos Afritos.

## Assinar

«Os Mistérios do Povo»

**Teatro da Trindade**  
HOJE HOJE  
A ALEGRE COMÉDIA

**O HOMEM DAS 5 HORAS**  
nos principais papéis  
LUCILIA SIMÕES,  
ERICO DRAGA, J. ALMADA,  
ANÉLIA PEREIRA  
e SAMUEL VILAS

## UMA INIQUIDADE

### Foi proibida a visita diária aos presos das cadeias civis

Recebemos a seguinte carta:

Acaba de ser proibida aos presos a visita diária de suas famílias, por despacho do novo ministro da Justiça.

O novo governo inicia as suas perseguições sobre algumas centenas de infelizes, impedidos de se defenderem em virtude de se encontrarem enclausurados.

Há mais de quarenta annos que nas cadeias civis de Lisboa é permitida a visita diária aos presos, acaba de abolir-se o sr. Prezados, o funcionário mais antigo destas cadeias. E é agora num regime que se diz liberal que se coarcta esta tão justa regalia!

Não basta isso para satisfazer a sociedade agravada?

É necessário então ferir os pobres presos no que lhes tem de mais caro, nos seus sentimentos affectivos?

É necessário retirar-lhes a visita diária dos seus entes queridos, só a permitindo de oito em oito dias num acanhado parlatório para que a sociedade se satisfaza?

Mas, tal medida é absolutamente anti-humana!

A proibição agora feita há muito que estava preparada.

Há aproximadamente dois meses, quando era ministro da Justiça o sr. Catão de Menezes, foi-lhe apresentada uma proposta nesse sentido. Mas aquele sr., vendo que a proibição era iniqua, negou-se a sancioná-la, porque — dizia ele — não queria ter o desgosto de ser forçado a esmagar violentamente uma revolta justíssima dos presos contra tal iniquidade.

Os carrascos encolheram então as garas. Mas no fundo da sua alma tigrina eles aguardavam o momento propício para voltarem à carga e pôrem em prática os seus negros desígnios.

O momento propício surgiu com o movimento militar.

E desta vez foram tão felizes que o novo ministro da justiça, antes de tratar de assuntos importantes que correm pela sua pasta, satisfaz-lhes imediatamente o desejo. Não se olhou a que há desgraçados presos há annos sem julgamento. Mas tratou-se imediatamente de cercar uma regalia que os presos há dezenas de annos usufruíam. — Pelos presos das cadeias civis de Lisboa: *Mário Antero Saturnino, Augusto Marques da Costa, Manuel Viegas Carrascalho, Norberto de Azevedo.*

## 2.000 contos

Bilhetes abertos em cautelas, 1566, 4272, 4638 e 4841.

**Largo do Conde Barão, 55**  
(Casa das sortes grandes)

## Ocorrências diversas

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e seguiu depois para casa, Joaquim Reis Loureiro, residente na rua Rodrigues Faria, 15, que, em Oeiras, caiu de uma charrrete, ficando ferido na cabeça.

— No Banco do hospital de São José foram pensados e recolheram a casa Francisco António da Cunha, de 28 annos, natural de Lisboa, carroceiro, residente na rua Maria Pia, 297, loja, que na rua Madre de Deus foi colhido pela carroça de que era condutor, ficando muito contuso nas pernas; Cesar Augusto, de 49 annos, natural de Lisboa, carpinteiro, rua Infante D. Henrique, 104, 1.º, que caiu por uma ribanceira, na Penha de França, fracturando duas costelas.

— Na enfermaria n.º 2 do hospital do Desterro deu entrada Adriano Madeira, de 57 annos, natural de Coimbra e residente em Vila Seca (Belas), trabalhador, que ali deu uma queda fracturando a perna direita.

— No Banco do hospital de São José, recebeu ontem curativo e foi depois para casa, José Rocha, de 56 annos, natural de Valença do Minho, comerciante, morador na rua do Paraíso, 47, 2.º, que, em Coimbra, onde foi tratar de uns negócios, no dia 8 último, foi atropelado por uma bicicleta ficando com várias contusões pelo rosto.

— No Banco do hospital de São José, foi pensado e recolheu a casa, Adelino Fernandes, de 30 annos, natural da Guarda, peixeiro, residente na rua Barão Sabrosa, 154, que, numa taberna, na calçada da Graça, foi agredido com um prato de louça, ficando ferido na cabeça.

## Os novos governadores civis

Foram para o «Diário do Governo» os decretos nomeando governadores civis: de Faro, o capitão de infantaria 3, sr. Leonel Vieira Neto; de Coimbra, o dr. Adriano Vieira Coelho; de Viseu, o major de infantaria sr. Armando Monteiro Leite; de Aveiro, o tenente coronel médico, sr. Manuel Rodrigues Cruz; e de Vila Real, o tenente de infantaria sr. António Maria da Silva.

## Professores dos liceus

A comissão executiva da Federação dos professores dos liceus conferenciou, ontem, com o ministro da Instrução, sobre assuntos de interesse do ensino e da classe.

## MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

**Cooperativa dos Canteiros.** — Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos: Discussão do relatório de contas de 1925; nomeação do conselho técnico; assuntos que se prendem com a administração da Cooperativa.

**Caixa dos Officiais de Justiça.** — A comissão que está encarregada da elaboração do regulamento da Caixa de Aposentações dos Officiais de Justiça, procurou ontem o respectivo ministro, sr. dr. Manuel Rodrigues, com quem conferenciou acerca da ultimação daquele trabalho.

**TIVOLI**  
DOUGLAS FAIRBANKS  
EM  
**Robin dos Bosques**  
A sua obra prima  
Duas cine-fargas — Uma cine-revista  
Na matinee, 11h, entrada gratuita, as crianças acompanhadas de suas famílias.

# PALAVRAS E FACTOS

Depois de reconhecido o triunfo das forças militares perante a decadência das forças políticas, ficou constituído o governo que vem pôr a casa em ordem (sic).

Não é de mais se aqueles que, tendo um ideal e que constantemente o firmam pelo seu modo de proceder, os sugereitarem aos reparos de que são merecedores.

E assim, fizeram os militares, uma demonstração não só das suas forças como também de obediência à Constituição Política da República. Mas isso não basta, é necessário que demonstrem também o respeito pelas leis basilares da República e que se disponham a aperfeiçoá-las de maneira a corresponder à aspiração do povo; que é, nem mais nem menos, a liberdade de pensamento e o direito de reunião sem sofismas de espécie alguma.

Mas pode o povo confiar em tal governo, estando na pasta da Instrução um membro do Centro Católico?

Não tem o governo que se admirar desta nossa observação depois de sabermos o que entre monárquicos e republicanos se passou, e as divergências na formação do governo nos colocou de olhos bem abertos à espera do resultado.

E aí o temos bem claro!

Disse o general Gomes da Costa na sua declaração que pretende conceder a personalidade jurídica à igreja e ao ensino religioso, nas escolas de instrução primária, e antecipando-se diz:

Queremos uma República liberal e livre de preconceitos.

Evidentemente que uma República só pode ser liberal quando livre de preconceitos.

Mas então o ensino religioso nas escolas não será um preconceito?

A personalidade jurídica da igreja não será um erro que redunda num retrocesso para a República liberal que o general pretende?

Não pretendemos levantar uma campanha contra tal declaração, mas sim mostrar ao sr. Gomes da Costa que não convenceu o operariado com a sua promessa, porque este não vive só de pão, vive também dum sistema progressivo que lhe garanta o seu bem estar, e uma vez um membro do Centro Católico no poder, a personalidade jurídica à igreja e ao ensino religioso nas escolas serão um facto consumado para a Companhia do chapéu de telha: conquistar os Corpos Administrativos e o governo da Nação.

As poucas liberdades que as classes trabalhadoras conquistaram serão confiscadas e aí estamos novamente entre grilhetas e conventos.

A quem pedir responsabilidades?

Aos polticos de *finis estofo* que têm levado o país a esta desgraça com a sua política de campanário, e aos seus acólitos que, umas vezes por conveniência material, e outras por falta de inteligência suficiente se deixam levar pelas palavras avulvadas de um qualquer António Maria.

Estes são os polticos de meia tijela.

Alvaro CONDINHO

## Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 15000.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

## A questão académica

A direcção da Federação Académica de Lisboa e os delegados dos estudantes do 4.º e 5.º anos de direito conferenciaram ontem com o ministro da Instrução, acerca da solução da questão académica.

## Ecos dos últimos acontecimentos

Ontem começaram a retirar algumas das tropas que vieram à parada de domingo, não tendo assim fundamento que elas se manteriam em Lisboa até que o general Gomes da Costa fosse elevado à presidência da República. A noite passada a 6.ª divisão recebeu ordem de retirar, tendo os oficiais mandado uma delegação a despedir-se do ministro da guerra e comunicar-lhe que iam descontentes pelo facto de ainda não ter sido satisfeito nenhum dos compromissos tomados por escrito antes do movimento, no sentido de se organizar um governo nacional insofismavelmente republicano, de se proceder ao necessário saneamento da política, das finanças, etc. Conforme se tem dito, vão ser substituídos alguns comandos indicando-se para artilharia 3.º o coronel Anacleto dos Santos, para infantaria 16.º o major Curado e para Sapadores dos Caminhos de Ferro Raúl Esteves.

## Devem chegar hoje a Lisboa os revoltosos de Almada

Devem chegar hoje ao Tejo os revoltosos de Almada, presos no Funchal, por motivo do movimento revolucionário de 2 de Fevereiro. A chegada dos revolucionários de Almada prepara-se uma recepção por parte dos seus correligionários.

## Os novos governadores das colónias portuguesas

Com excepção de Moçambique e Índia, ainda não foram escolhidos os novos governadores para as colónias portuguesas.

## A dissolução da P. S. E.

Foi assinado e enviado para o «Diário do Governo» o decreto que dissolve a Polícia de Segurança do Estado.

## Vai reorganizar-se a G. N. R.?

A confirmar-se a versão que ontem corria, a guarda republicana vai ser reorganizada e reduzida a dois batalhões de caçadores, como antigamente, embora com diferente constituição.

## Teatro Apolo

HOJE  
Estreia, neste teatro, do mistério em três actos e quatro quadros, original de Brás Monteiro

## O SANTO ANTONIO

OU  
O TAUMATURGO

A peça mais aplaudida no Brasil e Portugal

Encenação de Rafael Marques

**O SANTO ANTONIO**  
OU  
**O TAUMATURGO**  
A peça mais aplaudida no Brasil e Portugal  
Encenação de Rafael Marques

# Câmara Municipal de Lisboa

Sob a presidência do sr. dr. Corvinel Moreira reuniu-se ontem, em sessão ordinária, a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa, encontrando-se presentes todos os vogais.

O vereador sr. Pinto Rodrigues, do pelouro dos Mercados, informa que os mercados de Santa Clara e São Bento tinham passado na véspera para a posse da Câmara por ter terminado o prazo da concessão. Uma das cláusulas da concessão obrigava a serem aqueles edifícios entregues em bom estado, o que se verificara não suceder.

Lavrara-se um auto da posse e nele ficara bem exarado de que a Câmara se reservava o direito de reclamar pelas vias competentes as devidas indemnizações. O mercado de São Bento tinha várias instalações que a empresa tinha mandado construir, não tendo respeitado a intimação que lhe foi feita para as mandar demolir. Havia nos referidos mercados 4 empregados, 2 em cada um deles. Considerava desumano que a dois dos ditos empregados fossem dispensados os serviços, lançando-os na miséria, tanto mais que possuíam uns quarenta annos de empregados dos mercados, pelo que ia propor que fossem mantidos. Com respeito aos outros dois não tinha a mesma opinião, pois um deles tinha 19 annos e era empregado nos escritórios da empresa que não passaram para a Câmara, e o outro já era empregado da Câmara, onde exercia a função de fiscal de zona n.º 4. Repartição. O orador refere-se ao facto das empresas terem feito arrendamentos por prazos superiores a queles em que os mercados lhe pertenciam e haverem para mais cobrado a renda respeitante ao corrente mês quando os mercados, desde o dia 8 passaram a ser municipais. Diz ser um assunto sobre o qual iria ser ouvido o advogado sindical.

O sr. Alexandre Ferreira concorda com o modo de ver do sr. Pinto Rodrigues, dizendo que não era admissível acumulação de empregos dentro da própria Câmara, e, por isso, o fiscal de zona devia continuar a ter apenas este emprego na Câmara.

O vereador sr. Pinto Rodrigues apresenta a seguinte proposta que é aprovada por unanimidade:

«Considerando que nos Mercados de S. Bento e de Santa Clara de que a Câmara acaba de tomar posse por ter expirado o prazo da respectiva concessão, havia pessoal que pelos seus longos annos de serviço bem merecia que a Câmara o mantenha nos seus lugares;

Considerando que esse pessoal se limita a dois empregados, dos quais um tem o vencimento diário de 14000 e o outro de 11000;

Considerando que a despesa resultante dos pagamentos a esse pessoal é largamente compensada pelas receitas provenientes dos ditos Mercados e que passaram a ser arrecadadas pela Câmara;

Considerando, finalmente, que a Câmara, pela missão que tem de zelar pelos seus municípios, não deve cometer actos de desumanidade que outra coisa não seria o lançar na *chomage* empregados que contam mais de 30 e 40 annos de serviço nos estabelecimentos que agora passam a ser municipais, proponho: que os antigos empregados dos Mercados de S. Bento e de Santa Clara, Manuel Joaquim das Neves e Manuel Caetano Soares, passem para o serviço da Câmara, continuando a exercer os lugares que tinham nos ditos Mercados e com os vencimentos que percebiam.

Esses vencimentos são os seguintes:

Manuel Joaquim das Neves, 14000 diários; Manuel Caetano Soares, 11000.

## Horário de trabalho

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5316, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento, publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade terá-se um abastecimento de 30 p. cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

## Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

Volume de 400 paginas 15000

Pelo correio 16550.

Pedidos à administração de A Batalha

## Banda de Música da Guarda Naval

O concerto público que a banda de música da Guarda Naval realiza amanhã, das 14 às 15,30 horas, na parada do Quartel dos Marinheiros, tem o seguinte programa:

«Marche des petits ligueurs», Ag. «Guanyany», Gomes; «Serenade de Gyllottin», Goullier; «Casse Noisette», Tschalkowsky; «Entre actos», Messenier; «Mores y Cristinos», Serrano; «Alegre compertéria», Lico.

## Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 paginas, 45000.

Encadernação (por capas e índice), 20500.

Capas e índice em separado, 15500.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

## Teatro Apolo

HOJE  
Estreia, neste teatro, do mistério em três actos e quatro quadros, original de Brás Monteiro

## O SANTO ANTONIO

OU  
O TAUMATURGO

A peça mais aplaudida no Brasil e Portugal

Encenação de Rafael Marques





# A gravíssima situação económica de Angola

Sonhos de grandeza que desabam como castelos de cartas — O delírio da riqueza gerando a especulação, o martírio da vida cara, desemprego e fome — Asfixia do comércio, desvalorização da moeda, paralisação industrial — Uma colónia crucificada!

Mas a província possui enormes recursos para rapidamente se salvar com novos processos de economia e administração competente

Logo que qualquer pessoa desembarca em Loanda ou em qualquer outra terra de Angola, o eco de todas as conversações, que logo enche os seus ouvidos, referir-se-á, inevitavelmente, numa obsessão lastimosa e doentia, à pavorosa crise económica que assola a província de Angola, e que a toda a gente interessa, especialmente aos mais falhos de recursos.

Mas, tal o aspecto agudo da crise que, dir-se-ia, os falhos de recursos são toda a gente, porque, de facto, sem excepção, toda a gente, desde as massas trabalhadoras e pequeno funcionalismo até às grandes empresas agrícolas ou comerciais, se queixa, protesta e reclama contra tal situação asfixiante que tem implicado os maiores sacrifícios, provocando derrocada que já está atingindo justos e pecadores e acabará por ser estrondosa, arrastando miseravelmente nome e interesses portugueses nas praças estrangeiras.

Verificado que não há nestas impressões o menor exagero, porque, efectivamente, a crise é bastante grave, surge, imediatamente, o seguinte comentário: — Como foi possível aos governos da metrópole ahearem-se, até este ponto, do problema de Angola, colaborando, estupidamente, com a sua inércia, numa situação que é de profundo sacrifício para os 40.000 portugueses europeus que aqui residem, e que, ao mesmo tempo, pode ser a pior, a mais terrível prova de incompetência em administração colonial, prova de que diversos inimigos externos podem lançar mão?

Só uma absoluta falta de visão e competência, aliadas a essa inferior política de *corralho* e intriga, que não concede tempo aos problemas sérios, à administração de continuidade, poderão justificar tamanho crime!

Eu bem sei que se a minha prosa for lida por certa *fama* de *super-homens*, parvos fantásticamente guiados a lugares de culminância, repletos de ignorância e continuas digestões, eles não de sorrir, miseravelmente, do meu pessimismo. Angola fica bastante longe! A enorme distância pode adoçar o tom amargo das reclamações e abafar o estrondo da catástrofe.

Todavia o mal existe; a crise é tremenda; e se os homens são e conscientes do país podem ver, como eu tenho visto, as dificuldades em que toda esta gente se debate; os esforços heroicos que empregam, os expedientes a que já recorrem para se poderem salvar e resistir; se podem observar, como eu tenho observado, os sacrifícios, as privações, a crise do desemprego com a contigência da fome, o ruir de pequenas e grandes empresas erguidas com imensas dificuldades em pleno *serfido*; o desabar de todo um plano de trabalho cujos escombros, necessariamente, nem só impedem o desenvolvimento da riqueza pública e particular, como atrasam toda a marcha progressiva; se os homens bem intencionados do país, através da distância enorme, podem avaliar tudo isto, e vissem, como eu estou vendo e ouvindo por toda a parte, figuras tristes, desalentadas, sombrias, dia e noite sempre a tanger o tema das suas dificuldades pavorosas, mas, apesar de tudo, amando, apaixonadamente, o nome de Portugal — necessariamente esses homens se levantarão a protestar contra as deficiências da acção governativa, mas num protesto que fosse prático, e que pouparia maiores remorsos aos homens do governo.

## Os interesses dos banqueiros sobrelevam os interesses da colónia

A situação é tremenda; não há numerário para as mais insignificantes transacções; não há as mais rudimentares operações de crédito ou desconto comercial, mesmo que o indivíduo tenha responsabilidade; a moeda corrente são títulos a cobrar do Estado, vales de particulares e permuta de mercadorias; os que precisam transferir alguns centenares ou milhares de escudos em notas angolanas, para acudir a pagamentos urgentes na metrópole, como pensões de família e outros encargos de gravidade, mesmo com taxa elevada de desconto, raro conseguem transferência — emfim, o pior do pior.

Toda esta situação vai minando a saúde física e moral do português aqui residente, ao mesmo tempo que abate e diminui o seu prestígio junto do indígena que, *nitidamente*, já percebe o sentido prático destas dificuldades económicas e financeiras, e sente, mesmo directamente, as nossas faltas de dinheiro nas suas transacções agrícolas ou comerciais.

Fica completo este quadro se dissermos que os nossos vizinhos do Congo Belga, da África do Sul, do Barotze e os próprios alemães e italianos que já residem em Angola, não perdem um pormenor do que vai pela nossa casa, fazendo a sua política indígena, e tendo em dia os seus relatórios secretos, certamente bem curiosos...

Contudo, tinha sido bem fácil evitar que se chegasse a este extremo, porque há três anos que dura tal situação! Há três anos que Angola reclama a valorização da sua moeda, a regularização de cambiais, a normalização do regime de transferências que lhe permite transaccionar, regularmente, com Portugal e com o resto do mundo. E governos metropolitanos, sempre adiando, ou desatendendo, tornaram complicadíssima a solução dum problema fácil de abordar quando surgiram as primeiras dificuldades.

E, sejam quais forem as causas e os culpados, o que não podia era arrastar-se tal situação, absolutamente atentatória contra elementares princípios de colonização e de fomento colonial.

Por mais respeito que possam merecer os interesses dum Banco, estes nunca podem, nem devem, protelar os interesses de

qualquer colónia, já mais tratando-se duma província tão vasta e importante como Angola onde labutam cerca de 5 milhões de indígenas e 40 mil europeus — onde, apesar de todos os sacrifícios e crises, há um espantoso movimento comercial representado por 609.013.740\$00, suficiente indicação das riquezas que existem aproveitadas e por aproveitar.

Há três anos que esta província brada e reclama, galopando para o abismo, lançado mão de todos os recursos e expedientes, avolumando os próprios erros para retardar a queda, sem que os governantes da metrópole se dignem encará-la a situação com a devida compostura e gravidade — não se lembrando, sequer, que a grande maioria de emigrantes e colonos que aqui trabalha é de gente pobre e que o seu sacrifício anónimo, alheio a quaisquer especulações, tem sido a melhor garantia do domínio e colonização portuguesa!

Espetáculo desanimador que aumenta de tristezas quando o coleamos com o que se passa na vizinha África do Sul, onde o movimento comercial é aproximado a 100 milhões de libras, importando-se apenas trigo, e com uma produção industrial, em mais de 8.500 fábricas, calculada em mais de 80 milhões de libras.

No novíssimo e também vizinho Congo Belga vai um assombroso movimento de expansão comercial e agrícola, com todas as facilidades e auxílios por parte do Estado, com liberdade bancária, moeda valorizada, e tal protecção ao colono que até já foram inauguradas carreiras de navegação aérea para passageiros e mercadorias.

Angola, muito mais velha, com um colono sofredor e resistente, capaz de todos os sacrifícios, continua na rectaguarda!...

## A colónia tem vivido de recursos de ocasião

História da crise em Angola? No fundo as mesmas causas que determinaram a crise em Portugal, e em todo o mundo agravadas com as peripécias e aventuras do fim da guerra. Pelo que respeita a Angola, um maior *deficit* de produção industrial e agrícola; ausência de medidas de fomento que valorizassem o riquíssimo solo; e falta de competência e continuidade administrativa.

Norton de Matos, querendo dar, rapidamente, à província um impulso que as suas disponibilidades financeiras não comportavam, supôs necessária a criação duma burocracia enorme, importou grossos materiais, alieou a esfera representativa e alargou (aqui muito acertadamente) a acção de alguns serviços técnicos; porém, tudo isto importou enormes encargos para a província e ainda oneroso, consideravelmente, no capítulo de importações, agravando o desequilíbrio da balança comercial. Como não podia haver, imediatamente, em contrapartida, os benefícios resultantes de fomento, e como falhassem os empréstimos em ouro que o primeiro Alto Comissário supunha poder realizar no estrangeiro, o governo teve de mandar, às praças de Angola e às colónias próximas, adquirir cambiais, vendendo-se forçado a criar uma concorrência que prejudicava o comércio, necessitando de nefastas consequências.

Tudo este princípio de ruína, que não passou despercebido aos mais perspicazes, se doirou com o falso ouro dos falsos lucros e as primeiras dificuldades foram afluídas nesse mar de notas da inflação fiduciária e do empréstimo, aproximadamente de 120.000 contos, conseguido no Ultramarino. E tudo isto, que não era mais do que o início da tragédia, com a fatalíssima desvalorização do escudo, deu às pessoas inexpertas a sensação de grandeza aturdidora, gerando aventuras perigosas, delírios de riqueza, a aquisição de magníficos automóveis, os jantares e passeatas, os passeios à metrópole, gastando-se dinheiro à doída, em camarotes de luxo — emfim toda uma vida artificial, de riqueza falsa, que outra coisa não era senão a facilidade de adquirir notas, improvisação duma riqueza que não correspondia a qualquer esforço inteligente, trabalho ordenado, ou obra de fomento, e que apenas rezumia isto: — *uma queda estrondosa do escudo!*

Uma boa porção do empréstimo do Ultramarino não pôde ser aplicado como se projectara, em obras de fomento, e apenas fomentou esta desordem económica para onde diversas contingências arrastavam o próprio governo da província. Uma boa parte de indivíduos com óptimas profissões, ou que tinham vindo para pequenas indústrias ou agricultura e até para o funcionalismo, deixaram-se seduzir pela miragem da riqueza mágica, e metiam-se no comércio, movimentando, com a maior facilidade, muitos contos de reis! Quando a libra chegou em Portugal a 160\$00, chegou aqui a adquirir-se, a 300\$00 e mais; aceitavam-se letras, de quantias fabulosas, com a maior facilidade, e corriam de mão em mão os saques com dezenas de endosses escritos em longas tiras de papel, que chegaram a ter mais dum metro, adicionadas às letras. Até alguns dos colonos velhos e prudentes, dos comerciantes práticos que nada tinham com tais aventuras, foram também atingidos, por reflexo, devido à criminosa concorrência comercial que se desencadeou; e só quando a vida encareceu bruta e chegou a derradeira liquidação de compromissos, é que a maior parte verificou que estava mais pobre do que antes de ter tantos milhares de escudos... sem valor.

Nesta altura precisava-se, naturalmente, dum administrador forte que, fazendo dos erros a melhor experiência, enfrentasse a situação. Mas Norton de Matos cala pouco airoso, e com a sua queda arrastava os seus planos, paralisando a acção dos

seus colaboradores; a província ficava congestionada de encargos, e por toda a parte se viam, como ainda se vêem, muitas dezenas de milhares de contos em materiais de Caminho de Ferro e Portos, que representam enorme perda por não serem devidamente aproveitados, como essas magníficas instalações e material de Aviação do Huambo, que para nada servem actualmente e a que se atribue o valor para cima de 20 mil contos!

Desta era administrativa, 1921-1923, ficou, apenas, com valor, a obra notável iniciada no porto de Lobito — hoje algo comprometida com uma orientação administrativa que ainda pode ser bastante grave; o impulso, embora moroso, dado ao Caminho de Ferro de Loanda — Malange; algumas construções da cidade alta em Loanda; e a propagação que projectou Angola, com certo estrondo. Temos, porém, que confessar que essa propagação ficou carinha...

Mas muito mais prejudicial do que os erros de Norton de Matos foi a acção inerte dos governos da Metrópole que não souberam atenuar esses erros e deixaram perder, quase totalmente, o que havia de bom nas suas iniciativas, e não encaram, devidamente, os perigos de tal situação económica.

Por sua vez, nesta altura também faltou um organismo bancário que procurasse aperceber-se do valor destas terras, ainda quase todas por explorar cientificamente, e que tivesse a coragem de semente, sabiamente, o necessário ouro que mais tarde recuperaria bem valorizado.

Se tivesse aparecido esse organismo, não a distribuir, loucamente, dinheiro para aventuras, mas para uma assistência económica bem seleccionada e inteligente obra de fomento, parte desta crise estaria hoje atenuada.

Havia e há o *Ultramarino*, mas este — todos o dizem — não estava apetrechado com a devida orientação técnica e parece que esgotara as suas disponibilidades financeiras destinadas a Angola, limitando-se a uma defesa dos seus interesses, defesa que acelerou dificuldades.

Também o *Ultramarino* faltou no momento em que poderia prestar grandes serviços, falhando com a sua acção quando esta mais precisava era à colónia — e tal atitude, pelo desânimo e pânico que lançou, e até pelas consequências práticas, foi um enorme mal.

\*\*\*

Será tal crise duradoura ou irremediável? Demonstrarei, oportunamente, em sucessivos artigos, com um inquérito minucioso que tenho realizado aos recursos da província de Angola — às suas riquezas minerais, agrícolas, pecuárias, hidráulicas e às possibilidades industriais — que a crise será necessariamente passageira, tendo a colónia enormes recursos para se erguer rapidamente, desde que lhe acudam inteligentemente.

O essencial é criar-se o instrumento para arrancar do solo as formidáveis riquezas que este possui, e garantir aqui o melhor lugar aos portugueses que queiram trabalhar, e ainda lutar, de sobra, para gente de todo o mundo.

Cinco anos de juízo, de continuada administração, de audacioso e intensivo fomento — e o necessário ouro surgirá da própria valorização da terra.

E' o que toda a gente experimentada e sensata me afirma e eu próprio verifiquei com os meus olhos.

Será Portugal capaz desse *milagre*?... Loanda, 1926.

Juliano QUINTINHA

## Contra a baixa de salários

Desmascarando um traidor

A propósito da nossa local publicada no dia 26 de Maio com o título supra, recebi-me do Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas de Almada a seguinte comunicação:

«O Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas de Almada, tomando conhecimento de uma notícia inserida em A Batalha com a epígrafe «Desmascarando um traidor», torna público o seguinte: Que tendo sido nomeada uma comissão para se entender com os industriais ácrea da baixa do preço das latas, essa comissão, depois de várias *démarches* feitas, aceitou a transigência dando conhecimento à assembleia então reunida, que aprovou as resoluções tomadas pela comissão, não havendo, em vista da soberania da assembleia, traidores ao movimento, pois todos o aprovaram.

Diz a mesma notícia que o principal traidor foi o camarada Manuel Silva. Informamos, porém, para conhecimento da classe dos soldados do país, que se houve traidores, neste movimento, foram todos os camaradas que compõem este sindicato e não o visado na mesma notícia, o qual se manteve sempre solidário com toda a classe. — O Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas de Almada.»

## Novos diplomas da pasta da Justiça

O ministro da Justiça vai publicar um decreto, permitindo o casamento das maiores de 14 anos, que se encontram em determinadas condições. Também vai publicar um diploma regulamentando as nomeações dos delegados do ministério público, conservadores do registro predial, notários, contadores e escrevalhas de direito. Segundo o regulamento para as nomeações ter-se-ão em vista, principalmente, as classificações obtidas em concurso.

## AS GREVES

Têxteis da casa Meireles & Nogueira

O Conselho Técnico dos Operários Têxteis de Sêda mandou editar um manifesto elucidativo sobre a greve dos operários da Casa Meireles & Nogueira, do qual transcrevemos alguns trechos:

«Há mais de trinta dias que um grave litígio se está travando entre trabalhadores e patrões, isto é, há já cinco semanas que os operários da firma Meireles & Nogueira, da rua Duque de Loulé, fazem ouvir a sua voz contra as prepotências daqueles industriais, neste momento armados em verdugos dos seus assalariados.

A firma Meireles & Nogueira, fez substituir os teares manuais por teares mecânicos.

Mas não suponha o público que tal substituição obedeceu ao desejo de poupar, por esse facto, o esforço físico dos seus assalariados, o que, a dar-se, seria de todo o ponto justo e altamente humano.

Não; os fins a que obedeceu a substituição duns teares por outros, foi porque nos mecânicos pode empregar-se mulheres; e estas, dada a sua índole própria, com facilidade se sujeitam a salários mais baixos.

Já em tempo oportuno a classe fez ver aos senhores industriais que os viriam prejudicar altamente a situação dos seus componentes, pois que arrastaria os trabalhadores para a miséria. Mas a nada acederam, pois pouco lhes importa o prejuízo de centenas de trabalhadores.

Foi por este motivo que os operários da firma Meireles & Nogueira abandonaram o trabalho, para defenderem os seus interesses neste momento tão ameaçados.

Não são os trabalhadores contrários à introdução, na indústria, dos teares mecânicos. Eles vêm, nisto, até uma manifestação do progresso humano. O que eles não querem é que por esse processo os senhores industriais se sirvam desses maquinismos para prejudicar centenas de trabalhadores e causarem a ruína dum classe. E por isso os operários agora em luta apelam para todos os trabalhadores a fim-de que sejam juizes imparciais nesta santa cruzada de reivindicações proletárias, pois a ser perdida a nossa causa, isso será o mal que irá reflectir-se em toda a organização operária.

Para que a classe e o público os fiquem conhecendo, damos hoje à estampa os seus nomes que devem ficar gravados na história dos trabalhadores como dos mais hediondos e perigosos falsários que nas lutas proletárias têm aparecido.

Eis os nomes dos vendidos, nomes tal negro como negra é a sua tração.

José de Jesus, rua da Torrinhã, 253, c. 2; Crispim Ferreira, travessa dos Campos, 409;

Angelino Vieira, rua Fernão de Magalhães, 112; Alfredo Cruz, rua Herois de Chaves, 786, c. 4;

José Nunes, Rua. Santo Isidro, 94, c. 4; Belmiro Moreira, praça Mosouro, de Albuquerque, Bairro Bom Sucesso, 29.

O quinto, a quando do aniversário da filha do sr. Antoninho Nogueira, teve a pouca vergonha de pedir a bênção ao seu pai, que lhe respondeu cumprimentar, sim, bênção não!

São estes os falsários os relapsos, de quem os trabalhadores devem desviar-se como seres perigosos ou inúteis.

E agora que está exposta a causa da nossa luta, e neste momento em que a nossa classe, aparte as repelentes criaturas apontadas, tão bem tem sabido conduzir-se, esperamos que a classe saiba honrar o seu nome afirmando bem alto o seu incontestável direito à vida, e mantendo-se sempre unidos para que os industriais, os nossos verdugos, não levem por diante os seus criminosos intentos.

Porque, camaradas, se os nossos inimigos nos sentirem enfraquecer nesta ardorosa peleja, amanhã todas as nossas conquistas serão cercadas, e o pão dos nossos filhos escasseia nos nossos lares. E então o ferrete ignominioso de traidores deverá ser cingido na nossa frente».

CONFERÊNCIAS

## «Comentários à volta do movimento camilianista»

O aluno da Faculdade de Letras sr. Adolfo Faria de Castro realiza amanhã à noite, na Universidade Popular Portuguesa, uma conferência sob o tema «Comentários à volta do movimento camilianista».

## SOLIDARIEDADE

Pró-Domingos de Abreu

A festa em favor de Domingos de Abreu, que se devia realizar no passado domingo e que em virtude dos últimos acontecimentos ficou adiada, realiza-se hoje, com início às 20,30 horas, no grupo «Os Sempre Unidos», rua do Vale de Santo António, 24, 1.º, com um acto de canção nacional por conhecidos cultores.

Pelo Núcleo da Juventude Sindical lista de Lisboa, foi entregue ao Comité Pró-pesos a quantia de 174\$70, importância da queta tirada no Parque Eduardo VII, no comício efectuado ontem.

## O 4.º congresso dos Alunos das Escolas Técnicas

Conforme temos anunciado, é nos próximos dias 11 e 12 do corrente que na Escola Industrial e Comercial de Bartolomeu dos Mártires se realiza o 4.º congresso dos alunos das Escolas Industriais e Comerciais, Preparatórias, de Arte Aplicada, de Artes e Ofícios e dos Institutos Industriais e Comerciais do país onde serão ventilados assuntos que interessam o ensino e a educação dos alunos.

A comissão organizadora participa e convida todos os alunos das escolas de Lisboa a assistirem à partida dos congressistas que é na próxima sexta-feira, pelas 18,30.

## Ainda a greve dos ferroviários do Sul e Sueste

Um eloquente manifesto da comissão delegada do pessoal

A comissão delegada dos ferroviários do Sul e Sueste, que é composta pelos nossos camaradas Miguel Correia, Joaquim Correia de Barros, Alfredo Carvalho, José Pereira Fernandes, Joaquim Figueiredo, José Nobre Madureira e João Fernandes Júnior, acaba de editar um manifesto do qual extraímos os seguintes períodos:

«Tendo sido concluída a normalização dos serviços, as funções de representação da classe ferroviária do Sul e Sueste, que durante o recente movimento revolucionário estiveram confiadas ao «Comité dos Ferroviários do Sul e Sueste», passaram novamente para o Sindicato representado pela respectiva Comissão Administrativa.

Para o efeito porém das reclamações que anteriormente à eclosão do movimento foram apresentadas, o Sindicato delegou nos signatários, constituídos em comissão, a sua defesa e demonstração perante o o Governo.

Investida pois dos necessários poderes de representação, a Comissão signatária vem perante os ferroviários do Sul e Sueste dar conta das *démarches* efectuadas até agora e do que neste momento julga indispensável que o pessoal realize.

Redditando os pedidos que foram formulados ao Governo anterior e os que a classe continuamente vinha apresentando ao Parlamento, sobre a demissão dos engenheiros Plínio Silva, Pinto Teixeira e José de Jesus Pires, que no Sul e Sueste de há muito exerciam uma odiosa ditadura contra o pessoal, ditadura que sempre se caracterizou pelos escandalosos favoritismos dispensados aos poucos ferroviários que eram seus apaniguados, contra os interesses de uma classe inteira, ao sr. presidente de Ministério foi oportunamente apresentada a insistência na demissão desses funcionários superiores, que, mesmo como técnicos e administradores, tinham até agora realizado uma obra negativa nos Caminhos de Ferro do Estado, pedido que constituía por si uma das mais altas reparações morais dadas à classe. Não querendo porém dar um aspecto odioso de represália, nem o tendo pedido os representantes dos ferroviários do Sul e Sueste, ao afastamento de Pinto Teixeira, Plínio Silva e José de Jesus Pires, o sr. presidente do Ministério, comandante Mendes Cabeçadas, resolveu determinar o afastamento e ordenar um inquérito, que justificasse essa medida em benefício colectivo da classe e do país, visto que se afirma que a demissão daqueles engenheiros foi pedida por ódios pessoais, quando tal afirmação é absolutamente falsa.

Acerte o critério judicioso do comandante Mendes Cabeçadas nesta questão, apenas pedimos para que o pessoal seja ouvido nesse inquérito, por meio de plebiscito ou outra forma que val ser estudada.

Os ferroviários do Sul e Sueste têm pois que impor aos homens que queiram fazer justiça, a necessidade de não se sobrepor os interesses colectivos de 5.000 homens que tantos são a classe, aos interesses muito pessoais de três indivíduos, que nem ao menos souberam ser dignos da estima e consideração de uma classe.

Trata-se dum caso de honra colectiva e por isso todos os ferroviários devem estar preparados para se pronunciarem perante o Governo e o público, se a isso forem chamados.

Cumprida, pois, a palavra do sr. presidente do ministério nesta parte da questão, resta que este afastamento se transforme em demissão, não para liquidar os alvejados, porque não pretendemos liquidar ninguém, mas para que a sua função de engenheiros se vá exercer em outro lugar, que não nos Caminhos de Ferro, onde só foram prejudiciais ao pessoal, à administração e ao público.

As restantes reclamações, devidamente concretizadas, vão ser estudadas por quem de direito, procurando esta Comissão que o governo faça desaparecer tantas das injustiças cometidas pelos três engenheiros agora afastados.

Apelamos ainda para todos os ferroviários, a fim-de que imprimam nas suas funções uma actividade grande, que corresponda aos objectivos de reorganização económica que se tem em vista, podendo ficar certos que continuaremos pugnano pela justiça das suas aspirações junto do governo e das entidades a quem os assuntos forem afectos.

## Uma conferência com o presidente do Ministério

Com o presidente do Ministério, comandante Mendes Cabeçadas, conferenciou ontem, às 15 horas, a comissão delegada dos ferroviários do Sul e Sueste a quem oficialmente entregou as reclamações que o comité revolucionário aceitou antes da eclosão do movimento.

O presidente do Ministério fez declarações à comissão que vão ser transmitidas ao pessoal ferroviário na assembleia que amanhã, às 21 horas, reúne na Casa dos Ferroviários, no Barreiro.

## Tomaram ontem posse o administrador geral e o director e sub-director do Sul e Sueste

Em virtude do afastamento dos srs. Pinto Teixeira, Plínio da Silva e José de Jesus Pires dos cargos de administrador geral dos Caminhos de Ferro do Estado e director e sub-director do Sul e Sueste, o governo nomeou para aqueles cargos, respectivamente, os srs. tenente-coronel Castro Osório, tenente-coronel Regala e capitão Arruda.

Estes senhores tomaram ontem posse dos cargos para que foram nomeados, sendo a posse dada pelo tenente-coronel sr. Raúl Esteves.

## O melhor recurso

GENEIRA, 9. — Em consequência da atitude da Espanha e do Brasil, os srs. Briand e Chamberlain entenderam que seria mais útil adiar a reunião da comissão de reorganização do conselho, fixada para 28 do corrente, e nessas condições o conselho reunir-se-á, especialmente, antes da assembleia de Setembro, a fim-de resolver a crise. — (H).

## Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Comité Confederal.

### Secção de Federações

Reúne-se hoje, pelas 21 horas, a comissão nomeada na reunião do dia 20 de maio p. p. a fim de encetar trabalhos sobre a crise existente na classe trabalhadora no actual momento.

### COMUNICAÇÕES

**Federação Metalúrgica** — Na sua reunião de terça-feira, a comissão administrativa tomou conhecimento de ofícios dos sindicatos do Rio Meão e Porto. Ocupando-se do movimento revolucionário, a mesma comissão resolveu chamar a atenção da C. G. T. em favor dos presos e lutar por todas as formas para que não triunfe a ditadura militar.

**Manufactureiros de Calçado** — Reuniram-se a comissão de propaganda tomando resoluções definitivas sobre a propaganda a realizar nos vários pontos da cidade promovendo o levantamento da classe.

### CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

**Junta Sindical da Zona de Alfama** — Pelas 21 horas, a comissão executiva para assuntos inadiáveis, sendo indispensável a comparência de todos os membros.

**Pessoal do Município** — Assembleia geral às 21,30 horas, para eleição de cargos vagos.

**S. U. do Mobiliário** — Em segunda convocação, pelas 21 horas, os corpos gerentes para assunto urgente e inadiável.

**Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa** — Pelas 8 horas da manhã a assembleia geral, para tratar de assuntos da Caixa de Auxílio na Doença.

**DIAS PROXIMOS:**

**Pessoal da Exploração do Porto** — Amanhã, pelas 20 horas, assembleia geral, para apreciar as reclamações que têm de ser presentes ao ministro do Comércio.

**Federação Metalúrgica** — Reúne amanhã o conselho federal, às 21 horas.

## Assalariados do Porto de Lisboa

A Direcção da Associação de Classe dos Assalariados da Administração Geral do Porto de Lisboa, tendo tido conhecimento de que vários grupos pretendem isoladamente procurar representar a classe junto do Governo, declara que qualquer assunto referente à mesma só pode e deve ser tratado por intermédio desta Associação, legítima representante da classe, não se responsabilizando pelas *démarches* de qualquer indivíduo, indo neste sentido oficial ao ministro do Comércio.

### FESTAS ASSOCIATIVAS

## Grupo Excursionista «Os Tunas»

Realizou-se no passado domingo a comemoração do terceiro aniversário, sendo distribuído um bode a 100 pobres, seguido de uma sessão solene para confraternização de todos os grupos congéneres, usando da palavra vários representantes e terminando esta simples festa com saudações ao grupo festejado e a todos os grupos representados. Foi saudado igualmente o nosso jornal, o que retribuímos.

### Grupo «Os Aliados»

Realiza-se no dia 19 do corrente, na sede deste Grupo, rua do Barão de Sabrosa, 185, uma festa cujo produto se destina a custear os melhoramentos efectuados na Secção Sindical da Construção Civil do Alto do Pina. Com a participação do Grupo Dramático Familiar «Os Reinados», dum grupo de cultores do fado e da Tuna Musical do Grupo «Os Reinados», representar-se há um drama, uma comédia e várias canções. Os bilhetes podem ser procurados na sede da Secção da Construção Civil do Alto do Pina, Rua Barão de Sabrosa, 8, 1.º, Grupo «Os Reinados», Calçada da Picheleira e Grupo «Os Aliados», Rua Barão de Sabrosa, 185.

### Gaixa Escolar Veiga Beirão

Realizam-se nesta Escola, hoje e no próximo domingo, as tradicionais festas comemorativas da fundação da sua Caixa Escolar. Hoje, pelas 15 horas, realiza-se uma sessão comemorativa na qual usará da palavra o professor sr. Magnus Bergstrom e se exhibirão vários números de música e canto, e canções portuguesas por alunos da Escola. Finda esta sessão será iniciado o arrial e aberta a quermesse. No próximo domingo, de dia e de noite, continuará o arrial bem como a quermesse, realizando-se também sessões de cinematógrafo e variedades.

## Quem governará Moçambique?

Por motivos imprevistos, já não vai governar a província de Moçambique o sr. general Massano de Amorim, afirmando-se que será o capitão-tenente sr. João Belo, que exerceu ali por largos anos várias importantes comissões de serviço, sendo a última a de chefe dos serviços de marinha da colónia e vogal do conselho executivo legislativo da mesma província.

## Secção Telegráfica

### Federações

JUVENITUDES SINDICALISTAS

**Núcleo de Silves**. — Recebemos o ofício e dinheiro; seguem os jornais e o expediente.

**Metalúrgica**